



VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo.

PORTUGUESES NA GALIZA, CIDADANIA DIFERENCIADA NUM CONTEXTO TRANSNACIONAL.

ARIAS FERNANDEZ, José Daniel

Doutorando em Migracións Internacionais.

Universidade Da Coruña.

danielcaurel@gmail.com

Resumo

A maioria de pessoas com nacionalidade não espanhola na Galiza são os portugueses, peculiaridade própria e única desta Autonomia no conjunto do Estado. É obvio que entre a Galiza e Portugal existem muitas semelhanças e fortes relações históricas, então se pensarmos em migrações entre os dois países podemos conseguir muitos elementos teóricos a estudo, e além da migração. Pois o estudo dos Portugueses na Galiza achegam-nos a concepção da multinacionalidade do Estado Espanhol, ou a criação de comunidades políticas transnacionais como a U.E.

Os portugueses residentes na Galiza, particularmente no Courel-Quiroga (onde se localiza o estudo) a pesar do facto de eles morar em uma comunidade muito cercana, geograficamente como culturalmente e de partilharem um comum supranacional; U.E, euroregião; e inclusive entendendo os dois países como uma comunidade transnacional ("certos grupos vivendo em espaços transfronteiriros com interesses comuns de natureza cultural, desportiva, política ou doutro tipo, podendo ver-se a si próprios como comunidades" (Castels 2005)) especialmente no rural. Os portugueses na Galiza não são tratados como os autóctones y sofrem uma serie de perdas e estereótipos negativos.

Pelo que, a fronteira segue a ser uma dificuldade.

Abstract

The greatest number of people with non-Spanish citizenship in Galicia are the Portuguese, this being an own particularity, and is different with whole Spain. It is obvious that between Galicia and Portugal exist a lot of similar qualities and historical relationship, and then if you think about migrations between the two countries you could get so many theoretical elements to study, not just in migration, if not as well as anthropological conception, politicals and economics.

The study of the Portuguese in Galicia is a good opportunity to try to understand the conception of a multinational state, Spain, or the conception and creation of transnational political communities such as the EU. The Portuguese residents in Galicia, specifically in Courel-Quiroga and Terra de Lemos (where the study was done); despite the fact, they live in a community very close, culturally and geographically and share a supranational common, even understanding the two territories as a transnational space ("certain groups living in areas with common interests in culture, sports, politics or some other type, can be seen themselves as community" (Castels 2005)) especially in the rural space, the portuguese in Galicia are not treated like natives, and they are suffering the human decapitalization, and negative stereotypes.

And then, the people who crosses the border have really problems in something at them live.

Palavras-chave: "Galiza, portugueses, transnacionalismo".

Keywords: "Galicia, portugueses, transnationalism".

(Beiras & López, 1999); também se conforma a representatividade do comum na baixa percentagem de população imigrante.

População total, estrangeiros e portugueses. Anos (2004-2010)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Poboación	41709	41441	40860	40280	40123	39755	39448
Estranxeiros	852	999	953	983	1246	1350	1511
Portugueses	235	268	285	305	326	335	348

Fonte Elaboração própria a partir de Padrón municipal de habitantes, INE .

Já situado o âmbito de estudo, desprendemos neste ponto que a investigação partiu da hipótese pela qual, “os portugueses residentes na Galiza a pesar de morarem em uma comunidade muito próxima a nível cultural e geográfico, assim como de partilharem um marco supraestatal comum com pretensões de criar uma cidadania europeia, e sem existir uma fronteira fechada; não estão equiparados a nível subjetivo nem objetivo com os cidadãos autóctones e estão avocados a sofrerem uma serie de passos de descapitalização; especialmente no nível político e laboral; além de estarem expostos a infinidade de estereótipos negativos que influem radicalmente nas suas possibilidades de integração”. A partir de aqui, para compreendermos até que ponto existe importantes dificuldades na integração, como estas influem no processo migratório, e qual é a influência da U.E na migração; durante a redação fomos construindo indicadores de caráter qualitativo que nos têm feito de guias para redatar umas conclusões acertadas. Estes indicadores nascem do caráter geral, e procurão as condições de maior envergadura na descapitalização dos migrantes.

Num âmbito mais metodológico destacarmos que o qualitativo é a centralidade da investigação; análise do discurso, entrevista em profundidade e grupos de discussão. Para a produção de resultados e interpretação dos dados, também se utiliza minimamente a metodologia quantitativa, da qual se extraiu uma reduzida representação de dados de caráter demográfico, para reconhecermos a nível populacional o território no que se situa o estudo. Os dados quantitativos podem-se observar no texto original; embora, a investigação seguiu uns parâmetros pelos quais o ponto forte é a análise qualitativa. Pois quando se apresenta na hipótese de partida como se procuraram as condições subjetivas e de superação no processo migratório, assim como analisar as condições dos migrantes como cidadãos europeus, achavamos que a recolhida de informação qualitativa seria a melhor ferramenta para esboçar uma realidade mais fidedigna, e com pontos de vista mais amplos, a vez que particulares, além de que ao ter sido esta uma investigação de caráter exploratório, teríamos carência por centrarmo-nos no subjetivo.

1. Transnacionalismo e alteridade.

“Não faz hoje sentido falar de uma unidade do território português baseada em condições naturais ou de uma individualidade geográfica de Portugal dentro do conjunto da Península Ibérica. Na verdade, o Minho continua a Galiza tanto na orografia e no clima como nas formas de exploração do solo.” (Oliveira Marques, 1995)¹. Além da orografia, existe uma serie de preceitos, que configuram uma unidade territorial e um continuo cultural levemente alterado pela fronteira entre as duas comunidades administrativas.

As relações na historia são intensas e apesar do peso da fronteira, e de ficarmos em dois estados diferentes; entre Portugal, nomeadamente a parte norte, e a Galiza, sempre têm existido fluxos e conexões

de diversa índole: migratórias, econômicas e culturais etc. Antonio que nasceu em 1930, falou-nos de galegos que conhecera e viverão em Portugal, um escapado da guerra civil, e também:

“não conheço galegos em Portugal, em Lisboa conheço ali a três ou quatro, são galegos, têm comércio; mas levam ali toda a vida.” (Antonio, O Courel, 81 anos)

Quando Antonio nos fala destes galegos que tem conhecido em Lisboa, no meu parecer, fala deles como pessoas cercanas e atribue-lhes com a expressão valores pelos que não os poderia diferenciar dos portugueses, distanciando-se ele mais dos próprios lisboetas do que destes galegos, os quais levam em Lisboa toda a vida e Antonio conheceu. Os Galegos em Lisboa têm sido uma grande comunidade, assim como noutras áreas de Portugal; por exemplo, no Porto os galegos representavam em 1890 o 97% dos emigrantes espanhóis (Fernandes Alves, 2002) segundo este censo de 1890 viviam no Porto 4049.

Na literatura, o próprio José Saramagoⁱⁱ, iberista convencido numa das suas novelas relata-nos a sua vida em aquele bairro de Lisboa onde moravam muitos galegos; ainda assim “*os galegos de Lisboa não sejam só os originários da Galiza, mas também os da outra margem do Minho, de nacionalidade portuguesa*” (Fernandes Alves, 2002), esta aclaração de Fernando Alves incide no planeamento pelo qual poderíamos insistir na ideia de considerar aos galegos e aos portugueses do norte como uma comunidade não muito heterogênea.

A representação dos galegos na literatura portuguesa e vice-versa é um recurso muito recorrente, incluso na historia do grande símbolo de Portugal; o Galo de Barcelos, onde aparecem galegos como protagonistas. Também se acham abundosas referencias aos galegos no Oliveira Martins, Gil Vicente ou no próprio Camões que se supõe galego de nascimento ou de origemⁱⁱⁱ, assim como noutras muitas personagens públicas da historia de Portugal, desde o primeiro Conde de Portugal, o Vímara Peres até o atual líder do CDS-PP, o Paolo Portas. Nas Letras Galegas também são muito comuns às referências a Portugal, assim como a procura de similitudes com O País Vizinho, fez referencia a isto os grandes ideólogos do nacionalismo Galego, como o Castelaio, o Risco ou o Carvalho Calero.



A união das formas de exploração do solo, a tradição na literatura, a história e os relatos recolhidos no trabalho de campo, levar-me-ão a considerar que existe um contínuo linguístico e cultural relativamente alterado pelo peso da fronteira, mas nalgumas comunidades rurais concretas, a alteração é mesmo mínima, só atingindo questões dialetais e de diferenças no desenrolo económico; podendo existir essa pequena diferenciação relativa à alteridade entre estados. Isto é, que a Galiza e o Norte de Portugal, são uma

comunidade transnacional, entendida desde uma gênese acumulativa de características e reforçada pelas próprias migrações; alias, existe uma concordância de “*certos grupos vivendo em espaços transfronteiriços, com interesses comuns de natureza cultural, desportiva, política ou de outro tipo, podem ver-se a si próprios como comunidades*”. (Castels, 2005). E este espaço transnacional esta especialmente presente nas zonas rurais.

O testemunho de um dos grupos de discussão é altamente clarificante enquanto a esta realidade; no grupo de discussão participarão seis trabalhadores da floresta, que estavam a realizar o seu trabalho no Concelho de Ribas de Sil, e se desprazavam desde a comarca raiana da Limia/Lima todos os dias; os trabalhadores eram dos dois lados da Raia, dois galegos e quatro portugueses; mantinham uma relação forte e com afinidade entre os integrantes; não apreciando apenas disicitudes de alteridade, o que existia era uma forte hierarquização em quanto ao status laboral, pois o chefe da quadrilha, galego, tinha uma posição extremadamente dominante sobre o resto do grupo.

Continuando com o recolhido no trabalho de campo, nas entrevistas; podemos considerar como nos testemunhos em nenhum caso se resalta uma diferença marcada a nível cultural ou de construção de estereótipos; por exemplo, no testemunho de Maria de Monção:



“Nom muita diferença nom hai, a gente na aldeia falam uns da vida dos outros e assim, que aquí tamém se oi, nom muita difereça nom hai! se cadra mais cara lá, cara A Corunha algo mais diferença haverá, aquí nom, isto é um pueblo pequenino; nom é o mesmo que ir cara A Corunha ou Vigo, ou Santiago, alí a gente nom fala tanto, nom é tam simpática”.(Maria, Monforte, 31 anos)

Quando a Maria se refere às diferenças entre as pessoas de Monção e as pessoas de Monforte, não acha disjuntivas significativas, também não constrói estereótipos, onde faz a diferenciação e quando se refere à parte urbana da Galiza apontando que na gente da cidade vê maiores diferenças. Estes testemunhos são recorrentes em todas as gravações, todos os migrantes concordam em que a similitude entre a Galiza e Portugal em todos os aspectos é muito elevada, e a adaptação foi muito positiva.

Antonio ao começar a falar sobre as diferenças que percebe entre a Galiza e Portugal faz-nos um discurso filológico no que conclui que o Galego e o Português é igual.

“todas as palabra que se oem embaixo som todas iguais, isto devia ser a mesma fala todo, o que pasa é que depois...; porque uma cadeira é uma cadeira; eiquí chamam-lhe silla, mas também lhe chamam cadeira. O Galego é igual ao português, às vezes a María diz-me que nom me entende qualquer palabra, mas para mim é igual”.(Antonio, O courel 81 anos)

Também Isabel segue a mesma lógica, ela que tem vindo de seis anos para a Galiza se cabe descreve as semelhanças culturais com mais coragem. E ao igual que Antonio incide em fazer uma descrição das similitudes remarcando o feito rural e interior das duas comunidades.

“a min Portugal paréceme igual que Galicia polo menos por onde somos nós, todo igual; todo é monte sen praias nin nada igual todo igual; de cultura tamén igual” (Isabel, Quiroga, 23 anos).

Heitor diz-nos:

“Eu non notei muitas diferencias, de onde eu veño xa veño falando galego” (Heitor, Monforte, 44 anos)

Ao referir-se Heitor a que já falava galego de onde ele vinha, não deixa de remarcar as semelhanças culturais, considera o português transmontano que falava antes de chegar a Galiza como próprio galego, isto reafirma a minha percepção pela qual considero que estes migrantes de terem feito a sua migração para cidades Portuguesas especialmente para Lisboa, ou para outras cidades menores situadas também no sul, num plano não administrativo as dificuldades seriam maiores do que são ao se mudarem para o interior da Galiza.

Duma sociedade emigrante para outra sociedade emigrante.



Desde o começo do século passado, a distribuição populacional no mundo segue a diretriz pela qual as populações rurais tende cara assentamentos mais urbanos, esta realidade está presente praticamente em todos os estados, pois a tendência é sempre de despovoamento do rural e superpopulação no urbano, as sociedades camponesas estão a desaparecer na Europa; para converterem-se em sociedades mais urbanas ou sociedades rurais com modos de produção diferentes aos tradicionais modos camponeses. Nas comarcas de Courel-Quiroga e Lemos esta tendência foi-se conformando principalmente nas décadas centrais do século XX (Ettema, 2002), com grandes fluxos migratórios para cidades como Barcelona, Madrid ou Vigo assim como a emigração

exterior, sendo os principais destinos: a Suíça, a Alemanha, a França ou os países latino-americanos; trata-se ao igual que no caso do Norte de Portugal de potenciais emigratórias “*Trás os Montes e o Minho até à Segunda Guerra Mundial, conjuntamente com os Açores e a Madeira, são os grandes centros de abastecimento da emigração portuguesa*” (Baganha, 1994)^{iv} ainda assim até o ano 2010; tanto Galiza como o Norte de Portugal eram comunidades receptoras de imigrantes, sobre tudo no que se refere ao âmbito urbano, quando tempo atrás tinham sido comunidades comparadas pela sua similitude em quanto a questões emigratórias, “*recorde-se que há estimativas de retorno de 70% para a Galiza, uma região com muitas homologias com o Norte Litoral português*” (Alves, Jorge Fernandes, 1999)^v.

A comparação das duas regiões enquanto a estes parâmetros, também reafirma a minha teima por considerar as duas regiões como um ente transnacional, e o que me permite criar uma nova hipótese para achar com nitidez certas posições e certos adjetivos na migração Portuguesa na Galiza e particularmente no Courel-Quiroga e o Val de Lemos. A hipótese versa sobre o seguinte; entendendo a Galiza e o Norte de Portugal como uma comunidade transnacional, e entendendo transnacional desde a aportação do Castels que aponto arriba; as migrações que se observam neste estudo, a pesar de serem migrações exteriores, e devido a grande tradição emigratória da região norte de Portugal; para as pessoas que as realizam entendem-as como uma migração interior, sobre tudo quando a migração se produz de uma parte rural para outra rural, e a possibilidade levarem a cabo um progresso em um âmbito salarial sem precisarem fazer uma migração afastada tanto no espaço como no cultural.



As migrações na França, o Luxemburgo, a Alemanha, o Reino Unido, Brasil ou a Venezuela estão muito presentes no imaginário destas populações, assim como os discursos dos emigrantes que têm realizado estes processos migratórios, pelo que para os portugueses fixar a sua residência na Galiza é entendido como uma migração interior, pois desde logo, desde uma perspectiva comparada, para nada é semelhante uma migração à Latino América ou à Alemanha, à França etc.; com uma migração à Galiza. Também se encontra algum caso no que o assentamento na Galiza é entendido como parte de um processo de retorno; pela criação de laços forte fora da Península Ibérica.

“Nos últimos anos que estivemos en Inglaterra estivemos a buscar casas en todo o que é Portugal e España... xa tiñamos suficiente de Londres e queriamos algo para estar máis tranquilos...miramos no sur máis uno que baixamos collemos 42 graos, un calor que non se aguantaba e dixemos aquí nem...despois empezamos en Portugal a buscar casa...e en internet saíunos a foto desta casa..” (João, Poboia do Brollón, 41 anos)

“Fui emigrante em Francia, escapei a guerra colonial... e sendo emigrante conheci á mulher que a mulher é espanhola, e casamos em Espanha.”(José, Poboia do Brollón, 59 anos)

A alteridade.

Na Galiza escutar comentários negativos cara os portugueses e algo verdadeiramente comum, mas sempre desde a cercania, pelo que a criação de alteridades é tal; existe uma diferenciação constante entre os habitantes dos dois territórios, mas pelo menos, entre os migrantes entrevistados no floresce este tipo de produções psicológicas, pelo que entendo que o próprio facto da migração é um grande ponto a favor da unidade e da fraternidade entre as fronteiras; podendo-se reconhecer testemunhos entre as pessoas parte da migração como o seguinte:

“Ten que estar nas alturas e a xente de aquí non os queren, traballan quase todos portugueses, e xente desa d’afora, rumanos e así” (Maria, Monforte 31 anos)

Maria sente-se completamente parte da sociedade, incluso se refere a outros imigrantes como elementos estranhos dentro da sociedade a que ela pertence, ainda que em nenhuma outra entrevista se possa reconhecer com tanta claridade esta conceição, estou seguro de que se repetiria em todos os casos; mas o interessante seria a observação da própria consideração como parte da sociedade. De seguro que de ter-se produzido a migração para outro país não consideraria aos outros migrantes como de afora, desde uma posição de diferença respeito deles, alias a alteridade com os galegos é em todos os casos pouco importante e os movimentos migrantes entre as comunidades mitigam em grande medida estes construtos psicológicos.

Rural- Rural.

As semelhanças entre as duas comunidades, aumentam quanto mais rural é o entorno, diferenciando-se em maior medida no entorno urbano onde as condições culturais se sentem mais influenciadas pelos centros de poder existentes nos dois estados, além de serem as cidades espaços de maior independência entre os seus habitantes.

Dentro do pouco habitual que compreende realizar uma migração do rural para continuar no rural, destacarmos que estes fluxos foram uma constante entre os dois territórios, pois ao serem territórios fronteiriços o traspasso da fronteira é uma constante, nas entrevistas não se encontrou nenhuma testemunha que viesse de uma localização diferente do rural, o que obviamente ajudou nas condições subjetivas da migração, seja dentro de uma comunidade exageradamente desigual ou em uma comunidade semelhante. A ruralidade da migração está marcada por um elemento simbólico no discurso que representa muito bem a conceitualização da migração, o *trator*.

O trator na migração representa o simbolismo do processo migratório que estamos a estudar; está presente em muitos dos discursos das pessoas, e está carregado de valores; por uma parte o trator representa a

procedência e o destino rural da migração, também representa a modernidade o passo de uma sociedade camponesa a uma sociedade moderna; e por último representa as diferenças entre a Galiza e Portugal.

“alí traballouse, bueno agora xa hai máis tractores mas penso que se traballa muito tamén coas vacas” (Heitor, O Saviñao, 44 anos)

“agora xa é todo igual xa se botan batatas con tractores” (Grupo.Disc. Sector Forestal)

“en Portugal aínda traballan os burros e os bois, menos, porque comezaron a vir os tractores”(Antonio, O Courel, 81 anos)

Os migrantes, acham uma carência econômica no rural de Portugal que se representa com os tratores, é a sua forma de simbolizar o desenvolvimento econômico.

2. Cidadanía, fronteira e construción supraestatal.

A construção de cidadanias, assim como a de identidades culturais não tem porque responder a um facto inequivocamente cultural, embora até a atualidade e desde a paz de Westfalia em 1648 a composição da cidadania era atribuída ao espaço territorial do estado-nação, e existia uma predeterminação de pertença a uma comunidade, na atualidade o termo cidadão tem perdido muito do seu valor (Lapierre, 2003). Por cidadão, a pesar do grande debate académico e filosófico que rédea o termo pode-se entender, desde uma descrição básica, como as pessoas que vêm reconhecidas os seus direitos, civis, políticos e sociais, adstritos a uma comunidade da qual participam ativamente.

Neste começo do século XXI a cidadania não tem porque ser entendida como uma situação estática, pois a mutabilidade das sociedades assim como dos próprios habitantes das sociedades outórgam-lhe, a possibilidade ao termo cidadão, de adquirir valores e aspetos dinâmicos. Recolhendo as conceições mais liberais e mais afastadas da pertença e das características comuns do grupo, o que nos marca uma perspectiva de cidadão baseada em uma conceição mais relativa a igualdade ante o direito, como a que separa o antigo regime da sociedade democrática. A criação de espaços supraestatais como a União Europeia; concibe outras posições individuais em quanto à organização comunitaria e adscrição ou o sentimento de pertença a maior número de grupos identitários, porém entendemos que os cidadãos europeus podem posuir diferente adscrições identitárias, ressaltadas especialmente por aqueles colectivos que têm feito uma migração dentro das fronteiras supraestatais.

No grupo de discussão feito entre trabalhadores transfronteirizos, é difícil, conhecer onde está a diferença identitaria, de facto ante a pergunta de se se sentem um bocadito galegos ou espanhóis, a resposta é clara,

“galegos sim, mas espanhóis não”; (G.D Floresta)

A resposta é muito rotunda deixando clara a situação e à pergunta de porque isto não sabem que responder; a identidade europeia é algo muito afastado e a resposta em todos os casos por esta qualidade é a indiferença.

O que se pretende e situar a posição como cidadãos dentro duma conceição liberal referente à consecução dum status jurídico e político pelo qual o cidadão adquire direitos civis, políticos e sociais; assim como deveres; relativos a uma coletividade política, além da possibilidade de participar na vida coletiva do Estado^{vi}.

Schengen e Eurorrexión-Eurorregião.

A formação da União Europeia e sobre tudo o Espaço Schengen, reconhecem a mobilidade total das pessoas e das mercadorias, qualquer trabalhador de qualquer dos países participantes no espaço Schengen dispõe da possibilidade de desprazar-se a outro país membro, o que a priori facilita em grande medida a vida dos habitantes europeus; durante anos, entorno ao cambio de século XIX para XX, muitos teóricos aprofundavam na construção duma cidadania europeia^{vii} mas sem chegarem a demasiado bom porto; pois parece que em 2011 a crise econômica levava a uma debilitação da União Europeia e do Espaço Schengen.

Para entendermos esta realidade dinâmica marcada pela perda de poder do estado-nação em relação a outros organismos e como a governança se começa a conferir mediante diversos níveis, governança multinível, compre entendermos qual é a posição primeira da União e segundo e neste caso em especial a função da Eurorregião, Galiza Norte de Portugal e os órgãos que a compõem. *“La Unión Europea es el intento de combinar de manera general la liberalización de los mercados y la eliminación de barreras estatales con el establecimiento de normas e instituciones comunes...En Europa la concentración regional de los intercambios económicos es elevadísimo..”* (Tsoukalis, 2003) Este tipo de reflexões junto ao recolhido no discurso das pessoas participantes no estudo, levam-me a pensar que a realidade da União Europeia e órgãos como a Eurorregião têm uma clara vocação economicista criando grandes e diversos níveis de atuação e com uma grande capacidade nas suas funções como elemento de desenrolo económico e veículo para a superação das fronteiras para as corporações, pero geram um grande déficit democrático e ainda que seja o meio para a criação de processos migratórios intraeuropeus, não reparam em demasia na criação de garantes institucionais para os sujeitos que realizam as migrações.

“Hai moitos intereses económicos galegos tanto nas illas como no país e despois ao norte de Portugal, claro canto máis o norte máis influencia hai por proximidade...hai moito máis con Galicia que co resto de España ademais eles identifícanse e teñen moita máis relación.” (Cónsul Honorario de Portugal na Coruña)

Os interesses económicos são muito elevados, e a criação de sinergias empresariais entre regiões segue em marcha, mas o projeto de cidadania comum entre os estados da União Europeia está ainda sem concretizar e pelo que parece não tem muitas traças de se levar ao cabo.

O voto

Do trabalho de campo recolhemos uma realidade comum a todos os participantes na investigação, que é o desinteresse incluso reação e negação de poderem conseguir a nacionalidade espanhola; pois, terem esta nacionalidade era para eles como renunciar a portuguesa, e ante as características especiais e os garantes que lhes dá a cidadania europeia, no acesso aos serviços públicos, à participação cidadã e a concessão de direitos, mas não a todos. Uma parte especialmente destacada, polo seu valor simbólico, dentro deste tudo é o direito ao voto.



“tal como aquel estaba empadroado no meu pueblo, pero despois non aparecía no censo electoral, e non pode votar nas municipais” - “pois eu non sei porque non aparecía no censo” (G.D Floresta.)

“ eu a miña nacionalidade non a nego...estiven tres anos sin papeles, e despois vin a policía fixéronme o carne de identida, aínda hoxe o teño, que agora quería facer o de aquí...porque dios queira e a virgem que não tenho outras posibilidades se me faz falta para calquera cousa, para votar para as europeas, trapalladas desas, tes outro valor” (Heitor, Monforte, 44)

Isabel que veu con 6 anos para Galicia ante a pregunta de se podía votar nas eleccións respondeu: “Non, solo podo votar eilí, só nas municipais”. E ante a pregunta de se votaba normalmente, votas

normalmente?: “Non, nunca votei nin en Portugal nin eiquí” Mostrando unha desinterese total polo asunto. (Isabel, Quiroga 23)

A falta do direito a voto e a não participação da vida política leva a que haja um afastamento das instituições, das pessoas com nacionalidade portuguesa, deste jeito existe um desinteresse palpável sobre a vida política, em pessoas que levam 20, 30 e 40 anos e não pretendem nacionalizarem-se espanhóis, isto também supõe uma não participação dum elemento social com tanto pulo na sociedade como é a política, supõe uma desmobilização e uma não inclusão na sociedade. O voto é um elemento simbólico e representativo duma serie de perdas a nível administrativo que os, não espanhóis, têm, ainda que sejam comunitários e levem muito morando no Reino de Espanha, este afastamento incide na alteridade é na baixa consideração própria como cidadãos, fazendo assim mais difícil um processo migratório que a simples vista e sem afundarmos na situação semelha um processo migratório sem travas nem dificuldades.

O mercado de trabalho

A condição de diferenciação no mercado de trabalho também está presente e é uma realidade que vem sendo marcada desde tempos anteriores a União Europeia, a fronteira para os migrantes sempre tem sido uma barreira de descapitalização laboral, outrora eram os criados e os jornaleiros galegos que se deslocavam a Portugal para se estabelecerem lá ou para trabalhar vindimando ou fazendo outros labores; na atualidade as pessoas que realizam os trabalhos de mais baixa qualificação seguem a sentir está descapitalização do seu trabalho, não ocorrendo o mesmo nos sectores estratégicos como os médicos ou os promotores de negócios empresariais.

Analizando as condições laborais no que se refere ao mercado de trabalho, encontramos dois grupos com características próprias, uns os trabalhadores que estão assentados na Galiza; outros os trabalhadores transfronteirizos, estes sofrem maior grau de descapitalização direta no emprego.

Portugueses

No tocante a está descapitalização laboral dos trabalhadores portugueses levou-se a cabo um grupo de discussão com trabalhadores na construção civil que resultou totalmente clarividente; os trabalhadores eram transfronteirizos, e a sua migração era levada a cabo cada semana, dos domingos às *sextas*, faziam a viagem contraria, de aqui desprende-se a ideia pela que eles por serem portugueses trabalham mais horas, em piores condições e ganham menos do que os demais, eles mesmos se fizeram chamar *pretogueses*, fazendo um símile com a historia colonial portuguesa.

“têm aí o pessoal aseguando a vasoira à beira da estrada e ganha tanto como nós...e fazem menos que nós..”

“estamos empadroados porque a empresa para a que trabalhamos nos obriga a fazer descontos aquí...temos o NIE e tudo...tudo legal”

“trabalha-se mais horas aqui do que em Portugal, em questões de trabalho me senti discriminado, por exemplo, nós estarmos 16h e os espanhóis se marcham cedo e nós estamos até mais tarde,(arremedando) son portugueses deixaos traballar;...eles aquí não trabalham à chuva e nós trabalhamos..”

“Eu já trabalhei numa empresa espanhola e mais cobrava como numa empresa portuguesa”

(G.D. construção)

Em todas as referencia que saem no grupo sobre trabalho pode-se perceber como estes eles se sentem altamente discriminados, isto não se passa com as demais pessoas que estão a morar definitivamente na Galiza; pelo que podemos extrair que onde se acusa mais fortemente a discriminação laboral, ou tal percepção própria é nos trabalhadores transfronteirizos, pois, aqueles que decidem cruzar todos os dias ou todas as semana a fronteira para trabalharem, sofrem uma forte discriminação no âmbito laboral; isto é uma característica da União Europeia; é a conceição da fronteira que se configura com a livre circulação de pessoas, não sendo isto um garante para a igual retribuição e consideração dos trabalhadores em relação a estas diferenças salariais entre estados “*el neoliberalismo a hecho suyo el lema de a igual trabajo igual salario ¡pero al nivel más bajo!*” (Beck & Grande, 2006).

Dumping laboral.

“*Hay quien utiliza el termino para , por ejemplo, para dar a entender que la disponibilidad de mano de obra barata procede de la Europa del este ejercerá una presión a la baja sobre los salarios de los países más ricos*” (Giddens, 2007) neste caso não nos referimos aos trabalhadores do leste se não aos trabalhadores portugueses, gravemente prejudicados respeito dos trabalhadores autóctones, este tipo de sensação e de métodos de contratação laboral afundam nas diferenças entre comunidades na U.E, pois acaba por considerar-se que é uma instituição e um jeito de organização política pensado por e para as elites empresariais e corporativas; e na que as corporações podem fazer a suas largas mas os cidadãos não têm competência total para terem mobilidade real e igual entre os territórios, e não existem instrumentos que garantam a igualdade entre habitantes. Já que não se construí uma cidadania real e efetiva capaz de atingir a todos os estados membros.

No discurso de todas as pessoas que faziam parte deste estudo, é de grande importância para eles, o feito de que os salários sejam mais altos na Galiza do que em Portugal, isto é um facto que aparece em todos os discursos, incluso em alguns casos quando se intenta procurar a reprodução de estereótipos no discurso sobre a sua imagem para a sociedade galega:

“pensam que nós viemos para sarcar-lhes o trabalho aos galegos”. (G.D. Floresta)
--

Esta situação não deixa de desnaturar o feito tradicional de traspasar certas fronteiras políticas com o fim de melhorar uma situação.

3. Conclusões

Galiza e o Norte de Portugal têm uma serie de características históricas e antropológicas que as convertem numa comunidade transnacional, com um substrato cultural comum, com forte homogeneidade cultural e de regime produtivo, mas marcadas pela diferenciação entre estados e condições económicas diferentes, esta diferença se vê acusando com maior intensidade nas áreas urbanas, e nas áreas mais afastadas da fronteira. En lugares rurais e fronteirizos, as características comuns são muito elevadas desde o próprio veículo comunicacional a língua, que mantém uma mesma raiz e a diferenciação é difusa, também as capacidades produtivas são similares, assim como a ocupação do territorio. Outra das grandes características comuns é o regime migratorio que segue uma mesma tónica até há poucos anos.

O movimento migratório Portugal-Galiza está muito marcado pela proximidade e pela própria situação de achegamento, especialmente neste caso de ruralidade, tanto na origem como no destino da migração, pois ainda sem demasiados dados de carácter quantitativo logo da observação realizada tudo aponta a que no terreno no que se situa o estudo a população portuguesa procede na imensa maioria de zonas rurais, mantendo-se assim num destino também rural. O que mitiga as condições subjetivas do processo

migratório, pois no que se refere às condições de carácter relacional a integração é muito positiva; existindo entre outros indicadores, numerosos matrimónios mistos. Como temos apontado com anterioridade outra das observações mais destacadas é que a migração se produza dentro de duas sociedades com grande tradição emigratória; o que incide na visão deste processo migratório como algo menor, equiparável como menos a uma migração interior.

No referido ao aportado na hipótese de partida, e logo do observado podemos concluir que a relação entre âmbos os territórios é elevadíssima, mas ainda assim e a pesar da União Europeia, da Eurorregião e as Eurocidades; as cidadanias estão claramente diferenciadas; esta diferença foi observada mediante dois grandes indicadores de grande potencia, por um lado o direito ao voto, e por outro o acesso ao mercado laboral.

Os portugueses que moram na Galiza, de não se nacionalizar espanhóis, não têm direito ao voto, nem nas eleições estatais nem nas eleições autonômicas; e além disto ao serem dum país membro da União Europeia não têm intenção de nacionalizarem-se, com o que podem levar morando na Galiza toda uma vida mas sempre vão ter tolheito o maior direito político em democracia, também outros indicadores de falta de integração é o activo laboral, os portugueses em muitos casos sentem-se discriminados pela sua condição de trabalhadores de nacionalidade estrangeira; especialmente os trabalhadores transfronteirizos, já que percebem que as suas condições laborais estão muito por abaixo das condições dos autóctones. Como a investigação seguiu uns valores exploratórios estas percepções dos próprios migrantes achegam grande interesse para uma investigação maior na que se contrastará algumas informações com apoio de metodologia quantitativa para assim termos resultados fidedignos.

Também concluirmos que, dentro desta comunidade transnacional, pelo menos no entorno rural estudado, a cidadania está claramente diferenciada entre os autóctones com maior número de direitos, e as pessoas nascidas ao sul da Raia, e ainda sendo “cidadãos” da União Europeia e parte de uma comunidade transnacional comum.

BIBLIOGRAFÍA

- Baganha, M. I. (1994). *Maria Ioannis B. Baganha Análise Social, vol. XXIX (128As correntes emigratórias portuguesas no século xx e o seu impacto na economia nacional)*. Análise Social.
- Beck, U., & Grande, E. (2006). *La Europa cosmopolita*. Paidós.
- Beiras, X. M., & López, A. (1999). *A poboación Galega no século XX*. Laiovento.
- Castelao, A. D. (2001). *Sempre en Galiza*. La voz de Galicia.
- Cunha, M., Cunha, L., & (organizadores). (2007). *Intersecções ibéricas*. Lisboa: Graus editora.
- de Oliveira Marques, A. (1995). *Breve história de Portugal*. Presença.
- Dourthe, G., Borja, J., & Peugeot, V. (2001). *La ciudadanía europea*. Ediciones peninsula.
- Ettema, W. (2002). *Emigración y cambio territorial en Galicia. Los casos de los municipios de lucenses de Ribas de Sil, Quiroga y Courel*.
- Fernandes Alves, J. (2002). *Mobilidade interna e migrações intraeuropeias na península Ibérica*. Universidade de Santiago de Compostela.
- Giddens, A. (2007). *Cambio e innovación en Europa*. Paidós.
- González Pérez, J. m. (2008). *Inmigración estranxeira e territorio en Galicia*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Kymlicka, W. (1996). *Ciudadanía multicultural*. Barcelona: Paidós.

- Lapierre, J.-W. (2003). *Qué es ser ciudadano*. Biblioteca nueva.
- Leston Bandeira, M. (1996). *Demografia e Modernidade*. . Impresa nacional casa de moeda .
- Maiz, R., & Aguila, R. d. (2001). *Teorías políticas contemporáneas*. Valencia: Tirant lo Blanch.
- Medeiros, A. (2006). *Los dos lados de un río, Nacionalismo y etnografías en Portugal y en Galicia*. Madrid: CIS.
- Moré, I. (2007). *La vida en la frontera*. Madrid: Marcial Pons.
- Navas Sanchez-Elez, M. V. *Visión de Galicia en escritores portugueses: El caso de Fernando Assis Pacheco (1937-1995) En trabalhos e paixões de Benito Prada. Galego de Ourense que veio a Portugal ganhar a vida*. Universidad complutense de Madrid.
- Peña, J. (2000). *La ciudadanía hoy : Problemas y propuestas*. Universidad de Valladolid.
- Precedo, Andrés; Villarino , Montserrat;. (1994). *A poboación de Galicia*. Colección monografías.
- Rawls, J. (1979). *Teoría de la justicia*. Crítica.
- Tsoukalis, L. (2003). *¿Que Europa queremos? Los retos políticos y económicos de la Unión Europea*. Buenos Aires, Barcelona, Méjico: Paidós.
- varios, A. (2004). *Galiza, Norte de Portugal: duas regiões, uma euro-região construindo a Europa dos cidadãos*. Euro-região Galiza Norte de Portugal.

ⁱ Com estas palavras o escritor Português Oliveira Marques comeza a sua obra sobre a historia de Portugal.

ⁱⁱ Em “O ano da morte de Ricardo Reis” redime aos galegos que o Pessoa e o Gil Vicente dalgún jeito desprezavam..

ⁱⁱⁱ Referencias tomada em (Castelao, 2001) (Navas Sanchez-Elez), (Medeiros, 2006) e tradição oral biográfica.

^{iv} Nesta cita reflete-se outro elemento mais de características comuns entre ambos territórios.

^v Alves, Jorge Fernandes En “Os *brasileiros* da emigração no Norte de Portugal”. Dentro da Actas do colóquio realizado no Museu Bernardino Machado/ C. M. de V. N. de Famalicão, 1999.Compara o retorno na emigración galega ao Brasil com o retorno minhoto.

^{vi} Conceito apoiado em (Rawls, 1979) (Peña, 2000) e (Maiz & Aguila, 2001)

^{vii} Observa-se em (Dourthe, Borja, & Peugeot, 2001), (Borja, Jordi.2001) (Wihltol de Wenden, Catherine 1999)